



“Interessa-nos que o oceano esteja limpo porque é a nossa profissão”

Poluição Pescadores têm vindo a adotar uma postura de consciencialização sobre os oceanos. A Conferência dos Oceanos das Nações Unidas, que decorreu esta semana em Lisboa, voltou a trazer para cima da mesa as preocupações e ambições mundiais na matéria. O Diário de Leiria ouviu vários responsáveis por setores ligados à atividade marinha e apresenta-lhe o potencial da nossa costa, assim como os maiores desafios que se colocam no futuro

Helena Amaro

Garrafas de plástico, de sumos, embalagens, sacos de plástico são apenas alguns dos resíduos que os pescadores mandavam ao mar durante a faina, mas a preocupação com a saúde dos oceanos levou-os, nos últimos anos, noutra direção e, hoje em dia, são poucos aqueles que mantêm esta prática poluente. A garantia é dada por Joaquim Zarro, presidente da Associação de Armadores e Pescadores da Nazaré, esclarecendo que os pescadores reservam o lixo nas embarcações até chegar aos portos. “Chegamos a terra e o lixo vai para o contentor”,

acrescenta o mestre.

Segundo Joaquim Zarro, há hoje “uma preocupação ambiental dos pescadores que antes não havia”. “É importante, agora mais do que nunca, não se fazia tanto. As mentalidades eram outras e não havia tanta informação. Da parte dos pescadores, houve uma mudança radical de 99,9 por cento”, conta Joaquim Zarro, que não admite “que camarada nenhum mande lixo para o mar”.

“O lema dos pescadores é mar sem lixo”, assume, reforçando a ideia de que “há uma consciencialização muito



Pescadores reconhecem que lixo no mar “prejudica os oceanos”

grande para o problema” da poluição dos oceanos.

“Eles reconhecem que mandar lixo para o mar prejudica os oceanos e nós só queremos o bem-estar dos peixes. Quanto mais abundância houver melhor”, acrescenta.

“Interessa-nos que o oceano esteja limpo, porque é a nossa profissão, o nosso bem-estar e o futuro dos nossos filhos”, constata o pescador.

Mas, se no caso dos pescadores, “o pessoal está sensibilizado e muito pouca gente já manda lixo para o mar”, Joaquim Zarro afirma que o mesmo não se passa noutros setores com atividades ligadas

ao mar, como o turismo ou descargas de efluentes não tratados para as linhas de água que, por sua vez, desaguardam no mar.

“Não querem saber de nada”, lamenta o pescador, defendendo mais fiscalização e ações de sensibilização, sobretudo, durante o verão, período em que as praias se enchem de banhistas e atividades lúdicas e de lazer.

“O problema tem que ser combatido em várias frentes. É do nosso maior interesse. É do nosso ganha-pão. Mais do que ninguém, queremos os oceanos com saúde”, afirma Joaquim Zarro. ◀

Praia do Pedrógão identificada como um dos territórios mais “vulneráveis”

CLIMA Não é por acaso que as alterações climáticas e os seus impactos negativos têm estado cada vez mais na ordem do dia. Este fenómeno está identificado como uma das maiores ameaças ambientais, sociais e económicas que o planeta e a humanidade enfrentam e, de acordo com um estudo recente da Meta, empresa responsável pelo Facebook, Portugal destaca-se entre os 200 países com maior vulnerabilidade aos impactos das alterações climáticas.

Para travar os impactos negativos daquele fenómeno em Leiria, o município dispõe de um Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas (PMAAC-L), onde identifica a Praia do Pedrógão como um dos oito territórios prioritários e vulneráveis do concelho a “determinados estímulos climáticos”.

O município divulgou, ao nosso jornal, as principais repercussões que a única praia do concelho pode vir a sofrer no futuro, em consequência

das alterações climáticas, que passam pelo “aumento da erosão costeira associado à subida projetada do nível médio das águas do mar; o aumento progressivo da extensão terrestre afetada por fenómenos de inundação e galgamentos costeiros, associado à subida projetada do nível médio das águas do mar e o aumento do risco para a segurança de pessoas e bens, particularmente na frente marítima do aglomerado”.

A diminuição da área de areal

disponível para a prática balnear e os impactos negativos nas atividades turísticas, nomeadamente no alojamento, na restauração e comércio, dependentes da prática balnear, são outras das consequências negativas identificadas neste plano.

Numa perspetiva de fazer face a este desafio, no que se refere à subida do nível médio das águas do mar, o PMAAC-L tem definido um conjunto de três medidas, desagregadas em nove ações prioritárias de

adaptação do território da Praia do Pedrógão às alterações climáticas, no qual o município pretende pôr em prática “a curto e longo prazo”.

Entre as várias medidas definidas no plano estão a “reabilitação e manutenção da defesa aderente; a construção de um mergulhante no promontório; o reforço do cordão dunar Sul do promontório; a implementação do Plano de Intervenção na Praia Marítima do Pedrógão apa; a alimentação artificial de areias na frente

urbana, a Norte e Sul do promontório; a requalificação da frente marítima do Pedrógão, o Plano de sensibilização da população para os riscos costeiros e o Programa de monitorização da orla costeira de Leiria”.

A criação de um Centro Azul na Praia do Pedrógão era uma das medidas integradas no PMAAC-L, encontrando-se já implementado naquele território. O espaço funciona como uma estrutura onde se prestam informações e se realizam atividades de educação ambiental e de sensibilização no âmbito do programa Bandeira Azul, e que arrancam hoje e decorrem até ao dia 31 de agosto. ◀



ID: 99959613

01-07-2022

REGIÃO - OCEANOS

Os oceanos como laboratório vivo para a educação

Análise Coordenador científico do Parque de Ciência e Tecnologia do Mar de Peniche - Smart Ocean revela as potencialidades da nossa costa, apontando o caminho da inovação

José Roque (textos)

A região de Leiria e do Oeste possuem uma extensa costa e um conjunto diversificado de ecossistemas marinhos que assumem um papel determinante no fornecimento de serviços à sociedade, nomeadamente ao nível da energia das ondas, no fornecimento de alimento saudável (pesca e aquacultura) e na mitigação do efeito das alterações climáticas.

Para o coordenador científico do Parque de Ciência e Tecnologia do Mar de Peniche - Smart Ocean, os oceanos assumem-se igualmente como "o laboratório vivo para a educação", possuindo a região "um conjunto de recursos de excelência que podem e devem ser utilizados na educação e formação de uma geração que irá certamente estar mais atenta aos oceanos, corrigindo os erros das gerações anteriores".



Sérgio Leandro diz que é necessário envolver todas as partes na gestão dos recursos

"Este potencial tremendo, acarreta responsabilidades por parte da região no que diz respeito à sua conservação e restauro, contribuindo a nível local para a existência de tais benefícios e a nível global para o bom funcionamento dos ecossistemas marinhos", sublinhou Sérgio Leandro.

Para o responsável, os oceanos

assumem um papel fulcral para a manutenção das condições de vida no planeta e para a sobrevivência da Humanidade. "Em termos práticos, os oceanos controlam o clima do planeta, fornecem alimento saudável e podem assumir-se como uma significativa fonte de energia limpa", disse. Além do mais, "são a via

de comunicação mais eficaz para o transporte de bens e mercadorias a nível global".

Sérgio Leandro refere igualmente o papel determinante que os oceanos assumem na mitigação dos efeitos das alterações climáticas, tendo a capacidade de reter CO₂ e impedir que ocorra a sua acumulação na atmosfera. "Mas para

que possamos manter estes serviços, é de todo necessária uma aliança internacional para que se implementem medidas de proteção adequadas, assim como a mobilização de toda a sociedade para a sua defesa", defendeu.

Ao nível da gestão dos recursos, Sérgio Leandro acredita que é cada vez mais necessário envolver todas as partes interessadas. "Só desse modo conseguiremos alcançar o equilíbrio entre a exploração dos recursos e a manutenção do bom funcionamento dos ecossistemas marinhos. Não menos importante será a aplicação do conhecimento científico na adoção das melhores práticas de gestão dos oceanos, sendo para tal necessário reforçar o papel da ciência e dos cientistas", sublinhou.

Sobre os projetos mais promissores e inovadores por parte do Smart Ocean, o direc-

tor da Escola Superior do Turismo e da Tecnologia do Mar recorda que o foco em três áreas de atuação: inovação em produtos alimentares de origem marinha, biotecnologia azul e pesca e aquacultura.

"Para cada uma das áreas de atuação existe uma fileira de atividades económicas já estabelecidas na região de Leiria e Oeste que serão beneficiadas através do desenvolvimento tecnológico e inovação de produtos e processos. Para tal, será determinante a captação de talento e investimento, que associado ao potencial já existente na região devido em muito ao papel ativo do Politécnico de Leiria, para que seja alcançado o sucesso que todos preconizamos para este projeto estruturante para a economia azul regional e nacional".

Para Sérgio Leandro o grande desafio do Smart Ocean é "contribuir para que exista uma articulação entre as atividades de I&D, o tecido económico existente na região e as entidades governamentais, por forma a dar apoio efetivo aos empreendedores e captar investimento que possa financiar ideias inovadoras e, desse modo, implementar um desenvolvimento sustentável da economia do mar".

"Por cada peixe que sai do mar tem de ser lá deixado outro"

EQUILÍBRIO Uma das melhores formas de promover e reforçar economias sustentáveis baseadas nos oceanos é garantir que os recursos marinhos sejam explorados de forma sustentável, o que significa que "por cada peixe que sai do mar, tem de ser lá deixado outro".

Quem o diz é João Correia, investigador do MARE - Centro de Ciências do Mar e do Ambiente do Politécnico de Leiria, garantindo que o objetivo da biologia pesqueira é concretizar um conjunto de cálculos de forma a garantir que por cada peixe que é retirado do mar, por pescadores ou empresas de pesca, fica lá outro. "O problema começa precisamente quando muitos dos recursos são retirados em quantidades muito superiores às que deviam, ou abaixo do tamanho mínimo de captura, não permitindo a reprodução

dos peixes antes de serem retirados", alerta.

Neste âmbito, João Correia admite que há um trabalho que deve ser feito junto dos consumidores, porque "é importante não demonizar exclusivamente os pescadores, que muitas vezes acabam por ser considerados os 'maus da fita', não merecendo essa visão negativa".

"No fundo, e em boa verdade, os pescadores estão a dar resposta a uma necessidade de mercado. As pessoas querem comer jaquinhos fritos (ou seja, carapaus pequenos, que ainda não se reproduziram), atum em grandes quantidades, daí que seja uma espécie ameaçada, sopa de barbatana de tubarão, que leva a que os tubarões estejam igualmente muito ameaçados, entre muitos outros exemplos.

Por outro lado, o professor

da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar do Politécnico de Leiria, alerta que o problema, hoje em dia, é que o acesso ao mar e as licenças de pesca estão cada vez mais restritas e nas mãos de grandes empresas.

"Empresas que, numa tarde, com um arrastão de 120 metros capturam 400 toneladas de peixe. E o problema é, efetivamente, o acesso ao mar por parte da pesca artesanal, que não tem meios financeiros nem capacidade para adquirir essas licenças. Este é um cenário que ainda não é o nosso em Portugal, mas que começa já a verificar-se cada vez mais noutros países, como o Canadá ou a Islândia", conta João Correia.

João Correia alerta ainda para o facto da própria pesca artesanal ter "de ter o cuidado de não se suicidar", e "de cumprir todas as regras", captu-

rando as espécies "com o tamanho correto e nas alturas certas".

"Genericamente os pescadores cumprem-nas e são cuidadosos, apesar de na pesca artesanal também se pisar o risco, tal como na pesca industrial. Ainda assim, é mais fácil e frequente pisar-se o risco na pesca artesanal, que tem menos controlo, do que na pesca industrial, onde há observadores a bordo e os barcos são vigiados por satélite. A pesca artesanal, se quer sobreviver, tem de cumprir as regras e tem de se organizar. Quando se organizam em associações, organizações de produtores ou cooperativas, o trabalho e os processos normalmente funcionam melhor. Porque os direitos dos pescadores são protegidos e há uma autogestão e uma autovigilância", concluiu o coordenador do MARE.

O potencial da biodiversidade

OCEANOS A costa da zona Oeste de Portugal Continental tem uma elevada biodiversidade, algo que se reflete principalmente no número de espécies existentes com valor comercial, com particular incidência no pescado.

Para o coordenador da licenciatura em Biologia Marinha e Biotecnologia da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar a existência do arquipélago das Berlengas, em conjugação com o canhão da Nazaré e o hidrodinamismo que lhe está associado, proporcionam características "únicas" à região, fazendo dela uma das mais ricas em termos de biodiversidade da nossa costa".

Questionado sobre a forma como se pode reforçar a proteção dos oceanos com base na ciência e na inovação, Paulo Maranhão recorda que a pesquisa científica tem permitido que se conheça cada vez melhor a biologia das espécies que

capturamos nos oceanos.

"Isso permite definir medidas cuja implementação possibilita uma gestão mais eficiente dos recursos marinhos, reduzindo o impacto que a atividade extractiva tem nos oceanos. Além disso, cada vez temos mais e melhores sistemas de aquacultura, permitindo a produção de alimento de excelente qualidade em maior quantidade. Esta produção de alimento permitirá reduzir o esforço de captura que se faz nos oceanos, diminuindo o impacto nos ecossistemas", frisa.

Para o coordenador, a ciência também tem demonstrado que a existência de áreas onde não seja permitida a pesca, permite que as populações de peixes cresçam, fazendo alusão às "áreas marinhas protegidas". "Esse aumento das populações faz com que depois muitos desses indivíduos migrem para locais onde já possam ser capturados".



ID: 99959613

01-07-2022

Centro do país é dos melhores locais para aproveitar energia das ondas

Sustentabilidade A energia das ondas pode ser utilizada em alternativa aos combustíveis fósseis

A costa da zona Centro do país é tida como um local com condições ideais para o aproveitamento da energia das ondas.

Segundo a Direção-Geral de Energia e Geologia, “o maior potencial situa-se no continente na costa NW e centro, ao largo de localidades como Aljezur, Sines, Cascais, Peniche, Nazaré, Figueira da Foz, Aveiro, Leixões e Viana do Castelo”.

Esta condição levou a que, em 2019, fosse instalada a primeira unidade do parque de energia das ondas em Peniche, na praia de Almagreira. Este projeto, intitulado de ‘Wave Roller’, foi instalado pela empresa finlandesa Aw Energy Oy, que pretende fazer vários in-



Wave Roller foi instalado com sucesso na praia de Almagreira, em Peniche, em 2019

vestimentos nesta área e na costa de Peniche.

Esta unidade é constituída por um painel instalado a 850 metros ao largo da praia de Almagreira, a 16,7 metros de profundidade e com 350 kW de potência. Esta estrutura tem um painel que se movimenta com as correntes marítimas, captando a sua energia, que depois é transmitida para uma estação elétrica. O objetivo é aplicar a eletricidade obtida na Rede Elétrica Nacional.

São várias as potencialidades da energia das ondas. O carácter renovável torna esta energia uma solução para o futuro, em alternativa às energias fósseis. Contudo, os investimentos

necessários para a construção das infraestruturas que captam a energia são bastante altos, o que torna difícil a evolução deste setor.

A Direção-Geral da Energia e Geologia estabelece que “a eletricidade produzida pelos dispositivos de conversão de energia das ondas ou das correntes marítimas que é injetada na rede de distribuição não chega para compensar os elevados custos de desenvolvimento da tecnologia, do equipamento e das respetivas instalação, operação e manutenção no mar”. Apesar dos prejuízos, a área da energia das ondas continua “um setor bastante ativo”. ◀

Projetos para usufruir da energia das ondas ficaram na gaveta

INVESTIMENTO A praia de São Pedro de Moel foi o local escolhido para uma nova exploração da energia a partir das ondas, corria o ano de 2010. Já se passaram mais de dez anos e os projetos nunca saíram do papel.

Na altura, criou-se a Zona Piloto (ZP) Portuguesa para a instalação das infraestruturas necessárias para o aproveitamento da energia, com uma área de 320 quilómetros quadrados, entre Figueira da Foz e Nazaré, e a sua concessão ficaria a cargo da Enondas, empresa do Grupo REN (Redes Energéticas Nacionais), constituída com esse mesmo propósito.

O município da Marinha Grande, contactado pelo nosso jornal, revelou não ter “informação sobre o licenciamento oficial” de obras para o aproveitamento da energia das ondas, sendo que em 2015, com outro executivo, as respostas eram as mesmas. Já nessa altura, o então presidente da Câmara, Álvaro Pereira, revelou ao nosso jornal desconhecer se iria “haver investimento ou não”. No ano de assinatura da concessão, o Governo de então



Praia de São Pedro de Moel seria beneficiada com investimentos

manifestava vontade em que a produção de energia fosse uma realidade nos dois anos seguintes e, em 2012, uma investigadora do Centro de Energia das Ondas apontava 2015 como data para o arranque da produção de energia, depois de superadas as carências ao nível de infraestruturas.

Sabe-se, agora, que nenhuma destas datas registou qualquer avanço no projeto.

Sem que se tenha feito qualquer investimento na praia de São Pedro de Moel, a REN assinou com o Governo, em 2018, um acordo que previa a extensão desta mesma Zona Piloto Portuguesa, para a produção de energia das ondas, em Viana do Castelo.

Segundo o comunicado de

imprensa da REN da altura, com este acordo, a empresa teria a seu cargo “a construção de um cabo submarino de ligação à Rede Elétrica de Serviço Público, incluindo as suas infraestruturas terminais, bem como os direitos obrigações associados à sua instalação, operação, manutenção e exploração”. A Enondas, no seu ‘site’, esclarece que o objetivo da ZP seria “tomar-se um espaço aberto, na costa atlântica, dedicado ao desenvolvimento de energias marinhas, com especial ênfase na energia das ondas”.

O Diário de Leiria pediu esclarecimentos à REN sobre este assunto, mas até à hora de fecho desta edição, não foi possível obter resposta. ◀



Diário de Leiria

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Diretor Adriano Callé Lucas

DIÁRIO N.º 6.767 1 DE JULHO DE 2022 SEXTA-FEIRA | 0,75 €

MUDANÇAS 24/7
 Compra e venda,
 recheios de casa,
 Recolha de eletrodomésticos
 avariados.
 Contacte-nos:
 geralmudancasflash@gmail.com
 935 160 738 / 960 032 771

INCÊNDIO EM PRÉDIO PROVOCA TRÊS FERIDOS

Um incêndio num prédio no Centro Histórico de Leiria provocou ontem, ao final da tarde, três feridos, tendo sido resgatados com vida sete animais de estimação **Página 7**

INVASÃO DA UCRÂNIA
Forças de Kiev reconquistam Ilha da Serpente
 Página 20

Conheça o potencial da costa da região e a preocupação com os oceanos
 Reportagem | P11-13



Vigília junta médicos e utentes

LUIS FILIPE COTO

Médicos e utentes participaram ontem numa vigília em Leiria para contestar o que dizem ser as poucas vagas atribuídas nos centros de saúde para médicos de família **Página 3**

ENTREVISTA
 Novo treinador prometeu um futebol atrativo para chamar os leirienses ao estádio
 Desporto | P18-19



2021 com mais acidentes e feridos graves
 Sinistralidade | P9

Concurso de 1,3 ME permite remodelar quartel da GNR
 Leiria | P4

Parque de campismo fecha para obras e deixa utentes descontentes
 Peniche | P14

Campanha vai informar sobre vespa velutina
 Leiria | P2

Leiria | T 244 870 500

institutooptico

80 ANOS DE HISTÓRIA
 DESDE 1939

A CONFIANÇA QUE SE VÊ E QUE SE SENTE

LINDBERG